

O dilema de ser Sarney e Tancredo

O País sai aos poucos do susto e, sem abandonar a pontinha de esperança que cada fio de vida inspira, começa a incorporar à fatalidade o que o destino cruelmente fez com o Dr Tancredo. Nem foi preciso recorrer a planos



Coisas da política

paranóicos do SNI para amortecer na opinião pública o choque de que o condutor dos sonhos de mudanças de 130 milhões de brasileiros está impedido, não se sabe até quando, de transformá-los em realidade. A lenta agonia do Presidente se encarregou, por si, de preparar o espírito de todos, de tal maneira que ao anúncio da morte, se ela ocorrer, se seguirá menos uma comoção de desdobramento incerto inicialmente temida pelo SNI, do que uma comovedora homenagem a quem, até nessa hora, foi símbolo da conciliação nacional.

O rosto marcadamente tenso e compungido do Sarney, apanhado na madrugada de 15 de março para salvar a Nova República, internada naquele momento na UTI, já se permite sorrir nas fotos das audiências e despachos no Palácio do Planalto. O Governo, enfim, dá os primeiros sinais de que pretende andar. E começa enfrentando de cara e de peito aberto o fantasma de todos os bastidores da Aliança Democrática, o Governador Leonel Brizola, que, depois de amaciado em conversas telefônicas com o Presidente em exercício, chega às 17h de hoje ao Palácio do Planalto, vestido de cordeiro, com a alma desarmada, como sempre aparece nos momentos em que procuram reacender-lhe a imagem de incendiário: Brizola, na verdade, não pretende tocar fogo em nada, porque também sairia chamuscado. Manso, é didático e convincente na pregação de trégua a Sarney e à transição. Esperto, não abre mão da bandeira que o diferenciará dos demais — a das eleições diretas para Presidente em 1986, juntamente com a da Constituinte.

Enfrentar Brizola só é pouco para um Governo de que se espera muito mais. Mas é certo que a sombra do Governador do Rio cresce na medida da fraqueza de quem o enfrenta. Claro, se Tancredo estivesse lá, esta não seria uma prioridade — e o próprio Tancredo demonstrou isso quando, na última entrevista coletiva que concedeu, chamou Brizola não para a trégua, mas para a briga, ao negar-lhe autoridade para criticar o Ministério, se tinha o Secretariado que tem.

A verdade é que Sarney, com o coração ligado em São Paulo, quebra a cabeça com o desafio de começar tudo do zero sem desmanchar o que Tancredo já fez. Para começo de conversa, precisa fazer andar a máquina do Governo, mas tem medo de parecer açodado. Vai, então, à média velocidade, como quem está amaciando motor. Mas a maioria dos ministérios está como carro que só pega empurrado. O que atrapalha, no momento, é a prolongada indefinição de nomes para o segundo e terceiro escalões, motivo de interminável disputa entre todas as correntes do PMDB e da Frente Liberal. Quem já definiu equipe, como Renato Archer (Ciência e Tecnologia) e Flávio Peixoto (Urbanismo e

Habitação), começa de fato a trabalhar, embora ainda sem papel timbrado.

No Ministério da Cultura, que não tem assessoria totalmente preenchida, as correspondências dos primeiros 30 dias da Nova República estão entulhadas num armário, sem resposta, o que no fundo, se é sinal de lentidão, pode ser também creditado ao fato de que o Ministro José Aparecido gosta mais de ser político do que burocrata. Há ministros que ainda não disseram ao que vieram sob o pretexto de que preferem trancar-se na arrumação da casa, como Nelson Ribeiro (Assuntos Fundiários) e Affonso Camargo (Transportes). Não é o caso, naturalmente, de Aureliano Chaves, que se retraiu para permitir espaço a Sarney e cultivar o que mais tem recomendado ultimamente — prudência, e não ousadia. A arrumação da casa, entretanto, não pode ser biombo para a inércia. E Sarney terá oportunidade de dizer isso na segunda reunião do ministério, marcada para esta sexta-feira.

O Ministério, naturalmente, terá que se adaptar ao paladar do pacto social que Tancredo começou a rabiscar e que o Governo Sarney voltou a tecer, atraindo trabalhadores e empresários para a compreensão do momento de reconstrução nacional. As linhas gerais, obviamente, serão as já definidas por Tancredo — e por elas o trabalhador não tem muito mais a ceder além do que já sofreu.

Mas a ausência de Tancredo e do respaldo carismático que legitimou sua eleição indireta alterará pelo menos num ponto o pacto sonhado por Tancredo: o prazo de carência. Com Sarney, conduzido ao Planalto na esteira da consagração de Tancredo, se esperará menos tempo pelos resultados da política econômica e social do Governo. A impaciência, portanto, ameaça vir antes. Para alegria de Brizola, que desde sua primeira definição diante do nome de Tancredo para a Presidência, limitou seu engajamento aos votos do PDT no Colégio Eleitoral e se guardou para explorar o suposto insucesso do novo Governo.

Da competência de consolidar em torno de Sarney o apoio que estava entusiasticamente dedicado a Tancredo vai depender o tamanho do mandato do Presidente em exercício, se ele for efetivado no cargo. Pela Constituição, é de seis anos. Moralmente, é de quatro, porque Tancredo assim o prometeu. Mas pode ser menor se desmoronar como castelo de areia a mais competente obra de arquitetura política construída no meio século de vida pública de Tancredo — a composição da Aliança Democrática, com todas as suas contradições e o fantástico apoio popular que arrebatou.

Por isso, longe de Sarney a idéia de mexer de saída no Ministério, porque ele representa a obra acabada — o final de todas as articulações que Tancredo conduziu com competência, esculpindo as vertentes de apoio ao Governo que não teve gosto de exercer. Essas vertentes vão da área militar à parlamentar, dos Governos estaduais aos credores internacionais e confluem para os milhões de brasileiros que nas praças pediram mudança já. Ser Sarney, sendo também Tancredo, vai ser, portanto, a grande provação do Presidente em exercício.

MARCELO PONTES

Editor de Política do JORNAL DO BRASIL.